

## TUAÇÃO DOS PRÍNCIPES

#### D. Luiz de Orleans e Bragança



**5 de março** – O Chefe da Casa Imperial do Brasil, o Príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança, recebeu na Sede Social da Pró Monarquia – Casa Imperial do Brasil, em São Paulo, a visita de monarquistas dos Estados do Mato Grosso do Sul, Paraíba, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. O grupo participou do XIX Simpósio de Estudos e Ação Contrarrevolucionária, realizado no Hotel Tryp Higienópolis, em São Paulo, onde o Príncipe D. Bertrand foi um dos oradores (v. abaixo)

13 de março – Chocado como todo o país com a tragédia de Suzano (SP), D. Luiz emitiu o seguinte comunicado: "Foi com profunda consternação que recebi a notícia do terrível ataque perpetrado contra a Escola Estadual Prof. Raul Brasil (...), resultando nas mortes de cinco jovens alunos, duas funcionárias e um empresário. O que ali ocorreu foi algo inteiramente contrário à índole bondosa e pacata de nosso povo (...). Contudo, conforta-me saber do louvável trabalho das forças policiais e mesmo das pessoas comuns que transformaram-se em verdadeiros heróis. Ofereço minhas orações e solidariedade aos feridos e às famílias enlutadas, rogando a Deus Nosso Senhor, bem como a Santa Catarina de Alexandria, Padroeira dos estudantes, para que protejam e deem alento à boa gente suzanense".



26 de março – D. Luiz recebeu a visita do Dr. Ricardo Medeiros, Chanceler do Círculo Monárquico do Espírito Santo. Após relatar os progressos monárquicos em seu Estado, o Chanceler presenteou os Príncipes com uma imagem de Nossa Senhora da Vitória, Padroeira do Município de Vitória, e outras lembranças tipicamente

capixabas. D. Bertrand também esteve presente.

#### **HERDEIROS DO PORVIR**

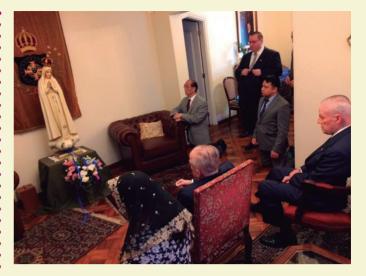
Publicação da Pró Monarquia, entidade civil sem fins lucrativos. Rua Itápolis, 873 – CEP 01245-000 – São Paulo – SP Tel./Fax: (11) 3822-4764 www.monarquia.org.br – e-mail: herdeirosdoporvir@monarquia.org.br

Diretor Responsável: Osvaldo Rocco

Jornalista Responsável: Armando A. dos Santos (MTB 36265)

Redator Chefe: Geraldo Hélson Winter Diagramação: Luis Guillermo Arroyave

Impressão: Grafilar - Gráfica e Editora do Lar Anália Franco



18 de abril – A Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima que em 1972 verteu lágrimas na cidade americana de Nova Orleans, fato que na época comoveu o mundo, foi recebida na Casa Imperial por D. Luiz, D. Bertrand e um grupo de monarquistas. Durante uma hora e meia em que ali esteve, os Príncipes rezaram um rosário, sendo a intenção principal, manifestada por D. Luiz, para que a Rainha do Céu intercedesse pelo Brasil e pelo futuro monárquico da nossa Pátria.



23 de abril - Ao saber do falecimento do Grão-Duque Jean de Luxemburgo, D. Luiz enviou ao Grão-Duque Henri, filho e sucessor do falecido, a seguinte mensagem de condolências: "Mon cher Cousin. C'est avec un grand chagrin que j'apprends la nouvelle du rappel à Dieu de Son Altesse Royal le Grand-Duc Jean. Je prie Dieu Notre Seigneur pour le repos de son âme. Qu'll continue toujours à Vous inspirer dans Votre noble mission à la tête du Grand-Duché de Luxembourg. Louis d'Orléans-Bragance". O Chefe da Casa Imperial foi representado nos funerais do

Grão-Duque pelos seus sobrinhos D. Rafael e D. Henri (foto).

#### D. Bertrand de Orleans e Bragança

28 de fevereiro – Estando em Brasília para compromissos particulares, D. Bertrand visitou no Palácio Itamaraty o Embaixador Ernesto Araújo, Ministro de Estado das Relações Exteriores, e esteve também com o Prof. Filipe Garcia Martins Pereira, assessor especial da Presidência da República para Assuntos Internacionais. As conversações giraram em torno da presente conjuntura internacional, e, em âmbito nacional, da proximidade do Bicentenário da Independência, em 7 de setembro de 2022.



2 a 5 de março – D. Bertrand foi um dos principais organizadores e proferiu a conferência de encerramento do XIX Simpósio de Estudos

e Ação Contrarrevolucionária, realizado por iniciativa do Instituto Plinio Corrêa de Oliveira (IPCO), no Hotel Tryp Higienópolis, em São Paulo. Foram quatro dias de intensa programação com o objetivo de formar novas lideranças conservadoras e monárquicas. Mais de uma centena de jovens estiveram presentes, vindas de todo país.



11 de abril – Com a participação de D. Bertrand, realizou-se na Capital Federal o II Encontro Monárquico de Brasília, evento organizado pelo Movimento Brasília Capital do Império e pelo Círculo Monárquico Brasileiro. No evento, ocorrido no Salão Nobre do San Marco Hotel, falaram o Príncipe D. Luiz Phillipe, sobrinho de D. Bertrand e deputado federal, a deputada monarquista Carla Zambelli, e D. Bertrand, encerrando o Encontro. Estiveram presentes cerca de 200 pessoas.



27 de abril - Realizou-se em Itu o I Encontro Monárquico do Interior de São Paulo, por iniciativa do movimento "Itu, Fidelíssima do Império". O evento reuniu cerca de 170 pessoas, vindas de vários municípios do interior, na antiga Fábrica São Luiz, hoje transformada em local de eventos. Impossibilitado momentaneamente de comparecer, como desejava, D. Bertrand enviou um vídeo de dez minutos lamentando sua ausência e comprometendo-se a visitar a cidade tão logo surja uma nova ocasião. O Encontro revestiu-se de enorme simbolismo, visto que Itu é considerada o "Berço da República" por ter sediado, em 1873, a primeira Convenção Republicana.

29 de abril - O Prof. Douglas Pina, responsável pela Escola de Futebol Império do Brasil, foi recebido na Casa Imperial por D. Bertrand. Com



o apoio do grupo Nação Real, a escola é um projeto social desenvolvido na capital paulista visando a auxiliar jovens e crianças por meio da prática do esporte. O professor presenteou D. Bertrand e D. Luiz com camisas do time, nas quais vem estampada a Cruz da Ordem de Cristo, a mesma das naus portuguesas que aportaram no Brasil em 1500.

#### D. Antônio de Orleans e Braganca



7 de abril - D. Antônio e sua esposa D. Christine representaram D. Luiz na Missa em Ação de Graças pelos 200 anos do nascimento da Rainha D. Maria II, de Portugal e Algarves, celebrada na Igreja da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, no Rio. A Boa Mãe, como era conhecida, nasceu no Rio de Janeiro e era filha de D. Pedro I e D. Leopoldina, sendo a única soberana do Novo Mundo a reinar na Europa.



11 de abril - D. Antônio representou a Família Imperial na abertura da mostra "SBH 175 anos - Cinema Brasil-Alemanha", realizado na Casa de Cultura Laura Alvim, no Rio. O evento foi iniciativa da Sociedade Beneficente Humboldt, fundada em 1844 por alemães, atualmente mantenedora do Colégio Cruzeiro. A mostra exibiu documentários e longas-metragens estrangeiros e nacionais, todos visando a disseminar acesso à cultura e ao idioma alemão.

22 de abril - D. Antônio participou, no Shopping Sulacap, do Rio, do Sarau do Império, organizado pelo Colégio Cruzeiro. O evento teve como objetivo mostrar aos alunos a verdadeira História do Brasil, contada na perspectiva de um descendente e herdeiro dinástico de nossos fundadores, o Imperador D. Pedro I e a Imperatriz D. Leopoldina. Fundado em 1862 como Deutsche Schule, a escola alemã teve que mudar de nome durante a Segunda Guerra para Colégio Cruzeiro.

# Entrevista com o Príncipe D. Rafael de Orleans e Bragança

O movimento monarquista vem crescendo cada vez mais, no Brasil atual, e muitos monarquistas veteranos e mais jovens, e mesmo não monarquistas, se interessam pelo futuro da Família Imperial Brasileira e nos fazem perguntas acerca do Príncipe D. Rafael de Orleans e Bragança, quarto na linha de sucessão ao Trono brasileiro. Querem saber

onde vive atualmente, quais suas atividades profissionais, suas perspectivas para o futuro, seu modo de pensar e ver a situação política do Brasil etc. É para atender a esse interesse de nossos leitores que aqui publicamos, com particular satisfação e muita confiança no futuro, a seguinte entrevista exclusiva que nos concedeu o jovem príncipe.

Herdeiros do Porvir — Os brasileiros veem a causa monárquica com crescente simpatia, e muitos desejam conhecer melhor um pouco da vida do mais novo herdeiro dinástico. V.A. poderia falar de sua formação acadêmica e da sua atividade profissional, que o levou a trasferir-se, no último ano, para Londres?

**D. Rafael** – Sou formado em Engenharia de Produção pela PUC-RJ. Comecei o curso em julho de 2005 e me formei em junho de 2010. Com relação a minha vida profissional, comecei a trabalhar desde cedo, assim como meus irmãos também o fizeram. Logo que terminei o colégio, fui passar seis meses em Paris, morando com

Então consigo realizar pequenas viagens de fim de semana para visitar parentes, amigos ou simplesmente conhecer algum lugar novo. E o que me impressiona muito quando estou em algum país de regime monárquico é a admiração que a população tem por seus Chefes de Estado e sua história. E até mesmo em países não-monárquicos, como, por exemplo, a França, a história dos Reis e Rainhas que governaram esses países são ainda tão fortes e presentes nas vidas de seus cidadãos. Existe uma veneração por estes personagens históricos, que construíram e

moldaram essas nações que aqui existem. Além de um patriotismo fortíssimo que

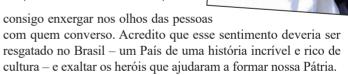


Com os pais e a irmã na Bélgica



No batizado do sobrilho e afilhado Nicholas Rafael Spearman, realizado na Espanha

membro da Família Imperial?



uma das irmãs de minha mãe e trabalhei como vendedor em uma loja de departamentos. Nos primeiros períodos da faculdade, trabalhei como guia turístico no Rio de Janeiro. Fiz um ano de estágio em uma incorporadora imobiliária, e no último período da faculdade ingressei na empresa em que estou até hoje. Na atual empresa, após o período de estágio, passei pelas áreas de vendas, planejamento estratégico e planejamento financeiro, sendo quatro anos no Rio de Janeiro e quatro anos em São Paulo. No último ano, passei por um processo para assumir a área de planejamento estratégico na Inglaterra. Foi uma grande oportunidade para o desenvolvimento da minha carreira, assim como para realizar um desejo pessoal de me aproximar da cultura do Velho Mundo.

HP – Como tem sido sua experiência na Europa? O que tem observado das monarquias europeias e quais lições poderiam ser aproveitadas em uma eventual restauração no Brasil?

**D.** Rafael – Tem sido uma experiência bastante gratificante. Estou tendo a oportunidade de explorar uma das minhas paixões – viajar. Como Londres é uma das cidades mais importantes da Europa e do mundo, ela se conecta com várias outras capitais europeias.

HP – Nas Monarquias da Europa, notavelmente na Casa Real Britânica, é possível observar que cada vez mais funções tem sido delegadas à geração mais jovem. Ainda que no Brasil vigore o regime republicano, como avalia seu papel enquanto

**D. Rafael** – Como aqui na Inglaterra, e em outras Casas Reais europeias, o que mais se destaca é o senso de compromisso dos membros das Famílias com suas respectivas nações. Desde pequenos, nossos pais nos formaram para estarmos à disposição e a serviço do País.

HP-V.A. é aparentado, em grau próximo ou remoto, com muitas Casas Reais europeias, reinantes ou não. Como têm sido esses contatos?

D. Rafael - Tenho um contato maior com a Família de Lu-



xemburgo, pelo aspecto de proximidade familiar, mas também me relaciono com outros membros de outras Casas Reais em vários eventos e por intermédio de amigos em comum.

HP-A continuidade da Família Imperial é uma preocupação constante dos monarquistas brasileiros, e essas expectativas

recaem naturalmente em sua pessoa. Em que pese o respeito à sua privacidade, os monarquistas podem se sentir seguros em relação ao futuro da Dinastia? Em outras palavras, V.A. tem intenção de dar prosseguimento à tradição dos casamentos dinásticos?

D. Rafael - Sim. Pretendo manter a tradição da Família.



Após apresentação de grupo folclórico de congada, em Minas Gerais

HP – Como avalia o atual momento do Brasil? E como a Monarquia poderia solucionar os problemas nacionais, em especial a corrupção, mal endêmico das instituições republicanas?

D. Rafael – A última eleição presidencial mostrou o descontentamento dos brasileiros com a situação política, social, econômica e principalmente ideológica que havia se instalado no País nestes últimos governos. O maior benefício de um regime monárquico é a harmonização dos três Poderes através do Poder Moderador. Dessa forma, garante independência do Judiciário e está sempre vigilante do bom funcionamento do Executivo e Legislativo, sempre visando ao melhor para a Nação, levando a uma natural redução da corrupção.

HP – E o que pensa da crescente adesão de jovens às fileiras monarquistas? Isso lhe traz esperança em relação ao futuro do nosso País?

**D. Rafael** – Com certeza. Cada vez mais jovens vêm aderindo à causa, e tantos outros se mostram simpáticos por concordarem com os valores e princípios de um regime monárquico. E me enche de esperança ver jovens corajosos e preparados defendendo e propagando os ideais de que o nosso Brasil tanto precisa.

HP – Como vê o trabalho em prol da restauração monárquica que vem sendo desempenhado por seus tios, os Príncipes D. Luiz, Chefe da Casa Imperial do Brasil, e D. Bertrand, Príncipe Imperial do Brasil, e por seus pais, os Príncipes D. Antonio e D. Christine? E dos seus antepassados, qual é aquele que mais admira e por quê?

**D. Rafael** – É um trabalho fundamental e indispensável realizado por todos, divulgando os valores de uma monarquia, mas principalmente se mostrando estar sempre a serviço do País. Em relação ao antepassado que admiro mais, é difícil escolher apenas um, pois todos têm características que aprecio muito. Seja pelo destemor de D. Pedro I ao proclamar a Independência do Brasil, pela sabedoria de D. Pedro II, que se mostrou evidente desde seus primeiros anos como Chefe de Estado, ou pela coragem da Princesa Isabel ao assinar a Lei Áurea.

HP-E como tem se preparado para o momento em assumir a Chefia da Casa Imperial do Brasil, ou mesmo a Chefia do Estado, como Soberano? O que os brasileiros podem esperar do reinado do Imperador D. Rafael I? Como o senhor gostaria de ser lembrado pela História?

**D. Rafael** – Fomos ensinados desde pequenos a sermos vistos como exemplos e estarmos sempre a serviço da Nação. Isto se torna cada vez mais real à medida que assumimos mais compromissos, responsabilidades e principalmente dedicação à causa. O mais importante é saber que o objetivo maior é trabalhar para o bem do Brasil e dos brasileiros, estando à disposição e a serviço a todo momento. Minha missão não é de ser lembrado, e sim de deixar um legado de um País melhor para as futuras gerações.

### HP-Poderia deixar um recado para os leitores do Herdeiros do Porvir e para os monarquistas brasileiros em geral?

**D. Rafael** – Gostaria de agradecer o apoio incansável e a coragem dos monarquistas espalhados pelo Brasil. Tenho muita esperança nos brasileiros e que dias melhores estão por vir. Acredito que com a união em torno de um mesmo ideal, resgatando os valores e princípios pelos quais o nosso País foi fundado, poderemos alcançar nosso devido posto: o de uma Nação protagonista no cenário mundial.



Em ação social no Orfanato Santa Rita de Cássia, do Rio de Janeiro

# Ponto fora da curva

#### PÉRICLES CAPANEMA

irou coringa a expressão "ponto fora da curva", que tem sido empregada nas mais diferentes acepções. Umas lisonjeiras; outras, nem tanto, envolvem censura, às vezes até carregam nota depreciativa. Vou usá-la como censura. Boi do couro grosso, de há muito acostumado a bordoadas, mesmo as mais inesperadas, posso bem levar mais umas hoje. Paciência. Segue a vida.

Vem da curva de Gauss (1777-1855), ao que parece, sua origem. É uma fórmula matemática utilizada na Estatística, que se exprime,

graficamente, à maneira de um sino. A imensa maioria dos eventos analisados estatisticamente cai dentro do sino. Um ou outro fica fora da curva. É o dito ponto fora da curva. Por analogia, aplica-se aos que se destacam, estão além do universo considerado. Daí "fulano é ponto fora da curva em seu meio". Sicrano, pelo contrário, desceu muito, ficou "ponto fora da curva entre seus amigos de infância". E assim por diante. Multiplicam-se ao infinito as aplicações analógicas da expressão com raiz na Estatística.

Vou falar do decreto 9.758 de 11 de abril de 2019, triste ponto fora da curva — bagatela para os superficiais, golpe sério para quem enxerga fundo. O diploma legal obriga os membros do Poder Executivo a um só tratamento: senhor (claro, senhora, senhores, senhoras). Por óbvio, exclui da esdrúxula imposição o Legislativo, o Judiciário, comunicações com autoridades estrangeiras e outras exceções.

Vossa Excelência não pode mais, agora é só senhor. Vossa Magnificência, excluído, basta o senhor. Vossa Senhoria, rifado. Doutor, o simples e familiar doutor, banido, onde já se viu chamar alguém de doutor em comunicação oficial? Já está muito bom o senhor, para que mais? Ilustre, fora. Digno, expulso. Respeitável, idem. O tratamento nivelador vale para todos, presidente, vice-presidente, ministros, reitores, não poupa ninguém. Majestade e alteza já haviam sido enxotadas faz mais de século. Ficou mais simples, é bom, ruminam alguns. Caminhemos devagar, escapando das armadilhas simplificadoras; nessa uniformizante e igualitária toada, acabaríamos despencando logo nos buracos do "cumpanhero" e do camarada para todo mundo. Camarada presidente.

Entro por atalho, um exemplo conhecido vai cortar caminho. À vera, até envolto na legenda, tantas as versões sobre os diálogos, ainda que no cerne concordantes. O protagonista é Talleyrand (1754-1838), o "príncipe dos diplomatas", *causeur*, brilhante presença de espírito, inteligência superior. À mesa, em ambiente fidalgo, tratava os assuntos da França e da Europa com rapidez, objetividade, leveza; eficácia. Sob as formas refinadas, um auge de senso prático. Em jantares de convívio ameno, depois de cortar a carne, um de seus recursos, com senso da medida honrava a cada conviva ao regalar um pedaço. Com o pitéu, ia junto nas palavras, no tom e no gesto certos o reconhecimento das superioridades devidas à idade, à condição social e ao mérito. Postura sempre simples e natural; nunca postiça ou enfatuada. A um eclesiástico destacado ou um príncipe: "*Monseigneur*, me daria a grande honra de aceitar um

pedaço?" A um duque: "Poderia ter a alegria de lhe oferecer este pedaço?" A um marquês: "Me daria a alegria de aceitar este?" E assim ia, até o mais simples dos convivas.

Ambiente de século 19, restos do *Ancien Régime*, Paris, outros hábitos, sei bem. Resta uma constatação, sem gosto e cultivo do senso dos matizes, sem apreço às variadas fulgurações do espírito, inexiste civilização. O esplendor das formas constituía ali expressão refinada da "unidade na variedade" — a palavra universo vem daí. Busco em Isaac Newton: "A variedade na unidade é a lei suprema do universo". Variedades harmônicas. Não agridamos inconsideradamente a variedade. Em resumo, o grande espetáculo de cultura do salão de jantar de Talleyrand anos a fio, repetida com variações sem-número de vezes, animou conversas, perenizou-se nas páginas das memórias do tempo, foi degustada em biografias célebres. Chegou viva até nós com seu fulgor de alta civilização. Formou personalidades.

Ao longo dos séculos admirações e imitações sensatas foram nutridas por cenas como a acima descrita em duas pobres pinceladas. Pedagógicas, alimentam o impulso da perfeição pessoal (e social), assim como um exemplo de um santo nutre o desejo da ação virtuosa. E aqui repito: precisamos buscar a simplicidade, mas fugir dos simplismos e simplificações. É raro uma solução niveladora não padecer pelo menos de simplismo; com frequência, empobrece o convívio; e, em decorrência incoercível, a própria personalidade.

Amplio. Valores do Brasil antigo levavam naturalmente a distinguir pessoas e situações com apenas um gesto, uma palavra rápida. Faziam parte do ambiente cultural que encantou muita gente de relevo que viveu por aqui. Sempre me impressionou o comentário de Fernand Braudel, dos maiores historiadores do século 20: "Foi no Brasil que me tornei inteligente.

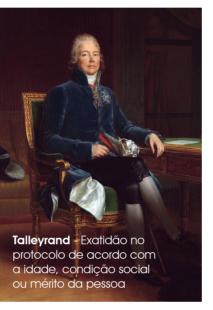
O espetáculo que tive diante dos olhos era um tal espetáculo de história, um tal espetáculo de gentileza social que eu compreendi a vida de outra maneira. Os mais belos anos de minha vida, eu passei no Brasil".

O que ele viu, espetáculo de gentileza social – de convívio – que fez entender a vida de forma diversa. Para Braudel, o fundamental em um historiador era conservar o coração da criança (maravilhar-se), surpreender-se com os fatos. E olhar o passado como uma criança percebe as primeiras imagens. Entre 1935 e 1937, floriu no Brasil o coração de criança do historiador, aperfeiçoou antenas.

Vamos ser realistas, o Brasil já não está conseguindo fazer inteligentes os homens potencialmente muito inteligentes. Porque está morrendo a nossa forma própria de enxergar a realidade, sufocados os ambientes familiares, onde ela florescia. Corremos risco iminente de já não termos o olhar que nos distinguia.

E aqui volto ao decreto 9.758 de 11 de abril. Esse *malencontreux* texto, para ser benévolo, é ponto fora da curva, pois vem de um governo que já editou muitas medidas saneadoras – teve muita coisa dentro da curva. Nivelador, simplificador, aproxima-nos de autômatos. Vira as costas para o Brasil que cultivava matrizes de juízo e conduta, apreciava diversidades, harmonizava-as, sabia estimular umas a fortalecer as outras. E com isso criava condições para convívio enriquecedor de personalidades.

No mesmo pacote do decreto 9.758 veio o *revogaço*. Sugestão: incluam o 9.758 no *revogaço*.



# A condição da mulher na ldade Média médicas. "Miresse" Luís partiu para a VI a esposa e os filhos

ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS

urante boa parte do século XIII, reinou na França São Luís IX, que foi objeto de uma volumosa biografia, publicada há cerca de 20 anos, escrita por um historiador francês de grande nomeada, que se insere na chamada "terceira geração dos Annales".

O reinado de São Luís é, paradoxalmente, o mais documentado e o menos conhecido dos reinados da França medieval. Por quê? Porque o bom rei teve uma iniciativa única na história. Ele mandou emissários percorrerem todas as cidades, vilas e aldeias do seu reino, de casa em casa, conversando com cada um dos moradores, perguntando sobre a administração da justiça, sobre as queixas, as sugestões, as comunicações que desejavam fazer ao rei. Tudo foi escrito e registrado em relatórios que ainda hoje estão perfeitamente preservados, apesar do tempo decorrido, apesar de todas as guerras e revoluções que assolaram a França nos últimos séculos.

É uma documentação volumosíssima, tão volumosa que ninguém até hoje se atreveu a explorá-la por inteiro. Está quase toda em francês arcaico, com letra da época, mas isso não é o que mais dificulta o aproveitamento. Com um pouco de prática e alguns conhecimentos de Paleografia, qualquer medievalista supera essas barreiras. A dificuldade principal vem do volume imenso do material, que ocupa muitos metros cúbicos de espaço. É por isso que se diz que o reinado de São Luís é o menos conhecido. O material está disponível a qualquer pesquisador, nos Archives Nationales de France, mas somente têm aparecido interessados que trabalham por amostragem; nunca nenhuma pessoa, nem mesmo uma equipe de pessoas, foi capaz de absorver toda a imensa massa de informações ali registradas.

A medievalista francesa Régine Pernoud (1909-1998), que estudou em numerosas obras a condição feminina na Idade Média, coligiu nessa documentação numerosos dados que permitem aferir que, no século XIII, a condição da mulher era de muito maior destaque do que se tornaria a partir do século seguinte, quando passou a ser relegada a um papel secundário na família, no lar e na vida social.

Pernoud, nas pesquisas que efetuou por amostragem, registrou muitos exemplos de mulheres, solteiras ou casadas, que trabalhavam com economia própria, independente de seus pais ou maridos. Encontrou também muitas casas nas quais os emissários do rei eram recebidos pelo casal, mas registravam que tinha sido a mulher, e não o marido, que tinha respondido ao questionário apresentado. Estavam ali os dois, marido e mulher, mas era esta, mais dinâmica e extrovertida, quem respondia aos interrogadores.

Pernoud registrou o grande número de mulheres que exerciam a profissão de "miresses", ou seja,

médicas. "Miresse" é a forma feminina de "mire". Quando São Luís partiu para a VII Cruzada no Egito, em 1248, levou consigo a esposa e os filhos. Seguiu também a "doctoresse Hersent", a médica oficial do rei e da família real. Pernoud observa que era tão considerável o número de mulheres que exerciam livremente a profissão de médicas, que até existia no francês medieval uma palavra feminina para designá-las, diferentemente de hoje, quando uma única palavra, "medécin", de forma masculina, designa indistintamente os médicos e as médicas. Foi somente no século XIV que as mulheres passaram a ser excluídas da prática médica, porque foi tornada ilegal tal prática por quem não fosse formado pela Universidade de Paris, que não admitia alunas. A partir daí, mulheres que curassem passaram a ser mal vistas, a ser vistas com suspeição, como bruxas etc.

No livro "Pour en finir avec le Moyen Âge" (Éditions du Seuil, Paris, 1977), Pernoud dedica um capítulo ao tema da condição feminina na Idade Média francesa, no qual mostra, com base documental, no seu dia-a-dia, a mulher tinha, naquele tempo, margem de autonomia muito maior do que algum tempo depois – quando passaram a prevalecer os critérios do Direito Romano, inspirado na Antiguidade Clássica, muito mais restritivo em relação às mulheres.

Pernoud fala ainda, nessa obra, na documentação primária abundante e pouco explorada, sobre as mulheres que, naquele século XIII, "não eram nem altas damas, nem abadessas,

nem sequer monjas, mas eram camponesas ou citadinas, mães de família ou exerciam uma profissão". Ela está se referindo precisamente aos registros escritos dos agentes enviados pelo rei São Luís IX a todos os lares do seu reino, com a missão de interrogarem, de casa em casa, todos os seus habitantes, para registrarem as queixas e corrigirem os abusos que estivessem sendo praticados. Nessa documentação primária, comenta a autora, é possível encontrar mil pequenos detalhes da vida cotidiana "que mostram homens e mulheres nos menores fatos da sua vida: aqui, é a queixa de uma cabeleireira, ali, a de uma vendedora de sal, acolá, a de uma proprietária de moinho, de uma viúva de agricultor, de uma castelã, de uma mulher de cruzado etc." (p. 95-96).

"É por documentos como esses – comenta mais adiante a autora - que se pode, peça por peça, reconstituir, à maneira de um mosaico, a história real, que nos aparece, então, muito diferente das canções de gesta e das novelas de cavalaria." (p. 96).

Esse é um bom exemplo de aplicação dos princípios e da metodologia da História Social, num tema cultural de grande alcance, qual seja, a posição da mulher na sociedade.

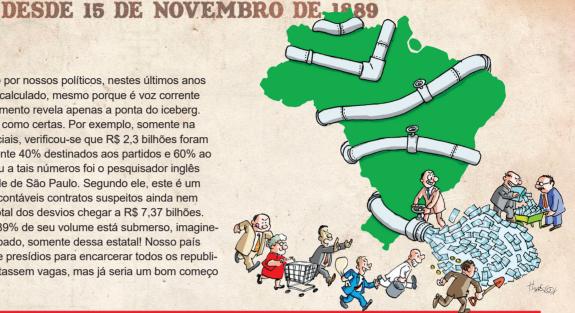
A dignificação efetiva da mulher, na sociedade medieval cristã, foi também sinalizada por uma substituição simbólica de grande alcance: nos tabuleiros de xadrez, a peça mais poderosa e importante, depois do rei, deixou de ser o vizir, o ministro-chefe dos califas e sultões árabes.

Nos tabuleiros de xadrez da Cristandade Medieval, esse papel passou a ser ocupado por uma mulher, a Dama, ou a Rainha. E assim permanece, até hoje.

NUMERO AVULSO LO RE

#### **Propinoduto**

O montante do dinheiro desviado por nossos políticos, nestes últimos anos de República, jamais poderá ser calculado, mesmo porque é voz corrente que o que se descobriu até o momento revela apenas a ponta do iceberg. Mas algumas cifras já são dadas como certas. Por exemplo, somente na Petrobrás, em 44 sentenças judiciais, verificou-se que R\$ 2,3 bilhões foram desviados, sendo aproximadamente 40% destinados aos partidos e 60% ao bolso dos políticos. Quem chegou a tais números foi o pesquisador inglês Jonathan Phillips, da Universidade de São Paulo. Segundo ele, este é um cálculo conservador, visto que incontáveis contratos suspeitos ainda nem foram investigados, podendo o total dos desvios chegar a R\$ 7,37 bilhões. Voltando à figura do iceberg, se 89% de seu volume está submerso, imagine--se a quantidade de dinheiro roubado, somente dessa estatal! Nosso país faria bom uso dele se construísse presídios para encarcerar todos os republicanos corruptos. Talvez ainda faltassem vagas, mas já seria um bom começo para sanear o país.



#### **Menos COAF**

Parece que a lição das urnas nas últimas eleições não foi aprendida por muitos políticos republicanos. Por um placar de 228 a 210, o Congresso determinou que o COAF, criado para detectar crimes financeiros, fosse transferido do Ministério da Justiça para o da Economia. Dessa forma, o trabalho do ministro Sérgio Moro fica bastante prejudicado, pois perde importante ferramenta para investigar congressistas e membros da administração pública que usam ou usaram seus cargos para se enriquecer com o dinheiro dos contribuintes. Ora, como todos sabem e o próprio ministro Paulo Guedes salientou, o Ministério da Economia

é incapaz de atuar nessa fiscalização, mesmo porque a economia está arruinada e é preciso concentrar esforços na promoção de reformas para o país sair do buraco. Nota-se que a maioria dos votos são do super-republicano Centrão, os mais comprometidos com a bandidolatria.



#### Depravação republicana

É notável, para não dizer asquerosa, a promiscuidade em nossa República entre o público, o privado e o político, sobretudo nos últimos anos. O caso Odebrecht é paradigmático: essa construtora pagava conferências do Lula no Exterior, normalmente em países alinhados ideologicamente com ele. Em Angola, por exemplo, o conferencista ofereceu a construção de rodovias, hidrelétricas, saneamento básico, habitação, linhas de transmissão de energia, infraestrutura urbana, além de aeroporto, todas "coincidentemente" a serem executadas pela promotora do evento. Mas quem financiaria os empreendimentos, geralmente superfaturados? Muito fácil: o contribuinte brasileiro, por meio do BNDES, sem garantia de recebimento, e para isso acionavam-se esquemas de influência política junto à diretoria do banco. O estratagema irrigou durante anos o bolso de políticos e o caixa de partidos, mas quebrou o país. Diante de plano tão diabólico, penas para propinas utilizadas na compra de sítios ou apartamentos se tornam ridículas

#### Estatuto da Morte

Em um dos poucos referendos realizados por nossa República, no qual a população pode diretamente opinar a respeito de assunto importante como a liberação ou não do comércio de armas, o resultado não lhe foi nada favorável, apesar de a extrema-imprensa, sua aliada de sempre, ter jogado pesado pelo desarmamento: 63,7% optaram pelo "não" à proibição, e 36,3% pelo "sim". Entretanto, sucessivos governos ignoraram solenemente a vontade popular, deixando vigir, desde 2003, o famigerado Estatuto do Desarmamento. Qual o resultado? Em 1980, a taxa de homicídios no Brasil era de 12 por 100 mil habitantes, e nos EUA de 10 (próximas, portanto). Já em 2017, o número de homicídios por 100 mil habitantes dos super-desarmados brasileiros subiu para 30, enquanto para os super-armados americanos caiu para 5. Pergunta pertinente: "Estatuto do Desarmamento" ou "Estatuto da Morte"?

